

OS LUSÍADAS
OS LUSÍADAS

I

- 1 AS armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;
- 2 E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.
- 3 Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

OS LUSÍADAS

- 4 E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandíloco e corrente,
Por que de vossas águas Febo ordene
Que não tenham enveja às de Hipocrene.
- 5 Dai-me ãa fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.
- 6 E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Pera do mundo a Deus dar parte grande;

OS LUSÍADAS

- 7 Vós, tenro e novo ramo florecente
De ãa árvore, de Cristo mais amada
Que nenhuma nascida no Ocidente,
Cesárea ou Cristianíssima chamada
(Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que Ele pera si na Cruz tomou);
- 8 Vós, poderoso Rei, cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Vê-o também no meio do Hemisfério,
E quando dece o deixa derradeiro;
Vós, que esperamos jugo e vitupério
Do torpe Ismaelita cavaleiro,
Do Turco Oriental e do Gentio
Que inda bebe o licor do santo Rio:
- 9 Inclinaí por um pouco a majestade
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo;
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos pátrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.
- 10 Vereis amor da pátria, não movido
De prémio vil, mas alto e quási eterno;
Que não é prémio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daqueles de quem sois senhor superno,
E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

OS LUSÍADAS

- 11 Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro
E Orlando, inda que fora verdadeiro.
- 12 Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao Rei e ao Reino tal serviço,
Um Egas e um Dom Fuas, que de Homero
A cítara par' eles só cobiço;
Pois polos Doze Pares dar-vos quero
Os Doze de Inglaterra e o seu Magriço;
Dou-vos também aquele ilustre Gama,
Que para si de Eneias toma a fama.
- 13 Pois se a troco de Carlos, Rei de França,
Ou de César, quereis igual memória,
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha glória;
E aquele que a seu Reino a segurança
Deixou, com a grande e próspera vitória;
Outro Joane, invicto cavaleiro;
O quarto e quinto Afonsos e o terceiro.
- 14 Nem deixarão meus versos esquecidos
Aqueles que nos Reinos lá da Aurora
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Um Pacheco fortíssimo e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,
Albuquerque terrível, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

OS LUSÍADAS

- 15 E, enquanto eu estes canto – e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto –,
Tomai as rédeas vós do Reino vosso:
Dareis matéria a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o peso grosso
(Que polo mundo todo faça espanto)
De exércitos e feitos singulares,
De África as terras e do Oriente os mares.
- 16 Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exício afigurado;
Só com vos ver, o bárbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;
Tétis todo o cerúleo senhorio
Tem pera vós por dote aparelhado,
Que, afeiçoada ao gesto belo e tenro,
Deseja de comprar-vos pera genro.
- 17 Em vós se vêm, da Olímpica morada,
Dos dous avós as almas cá famosas;
Ûa, na paz angélica dourada,
Outra, pelas batalhas sanguinosas.
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memória e obras valerosas;
E lá vos têm lugar, no fim da idade,
No templo da suprema Eternidade.
- 18 Mas, enquanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Pera que estes meus versos vossos sejam,
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas, por que vejam
Que são vistos de vós no mar irado,
E costumai-vos já a ser invocado.

OS LUSÍADAS

- 19 Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca espuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteu são cortadas,
- 20 Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em consílio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu fermoso,
Vêm pela Via Láctea juntamente,
Convocados, da parte de Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.
- 21 Deixam dos sete Céus o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que só co pensamento
Governa o Céu, a Terra e o Mar irado.
Ali se acharam juntos num momento
Os que habitam o Arcturo congelado
E os que o Austro têm e as partes onde
A Aurora nasce e o claro Sol se esconde.
- 22 Estava o Padre ali, sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num assento de estrelas cristalino,
Com gesto alto, severo e soberano;
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano;
Com ãa coroa e ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

OS LUSÍADAS

- 23 Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros Deuses, todos assentados
Como a Razão e a Ordem concertavam
(Precedem os antigos, mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam);
Quando Júpiter alto, assi dizendo,
Cum tom de voz começa grave e horrendo:
- 24 – «Eternos moradores do luzente,
Estelífero Pólo e claro Assento:
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente
Como é dos Fados grandes certo intento
Que por ela se esqueçam os humanos
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.
- 25 «Já lhe foi (bem o vistes) concedido,
Cum poder tão singelo e tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno.
Pois contra o Castelhana tão temido
Sempre alcançou favor do Céu sereno:
Assi que sempre, enfim, com fama e glória,
Teve os troféus pendentes da vitória.
- 26 «Deixo, Deuses, atrás a fama antiga,
Que co a gente de Rómulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra Romana, tanto se afamaram;
Também deixo a memória que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão, que, peregrino,
Fingiu na cerva espírito divino.

OS LUSÍADAS

- 27 «Agora vedes bem que, cometendo
O duvidoso mar num lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
de Áfrico e Noto a força, a mais s' atreve:
Que, havendo tanto já que as partes vendo
Onde o dia é comprido e onde breve,
Inclinam seu propósito e perfia
A ver os berços onde nasce o dia.
- 28 «Prometido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar que vê do Sol a roxa entrada.
Nas águas têm passado o duro Inverno;
A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.
- 29 «E porque, como vistes, têm passados
Na viagem tão ásperos perigos,
Tantos climas e céus experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos,
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana como amigos;
E, tendo guarnecido a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.»
- 30 Estas palavras Júpiter dizia,
Quando os Deuses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro diferia,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baco ali não consentia
No que Júpiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente
Se lá passar a Lusitana gente.

OS LUSÍADAS

- 31 Ouvido tinha aos Fados que viria
 Õa gente fortíssima de Espanha
 Pelo mar alto, a qual sujeitaria
 Da Índia tudo quanto Dóris banha,
 E com novas vitórias venceria
 A fama antiga, ou sua ou fosse estranha.
 Altamente lhe dói perder a glória
 De que Nisa celebra inda a memória.
- 32 Vê que já teve o Indo sojugado
 E nunca lhe tirou Fortuna ou caso
 Por vencedor da Índia ser cantado
 De quantos bebem a água de Parnaso.
 Teme agora que seja sepultado
 Seu tão célebre nome em negro vaso
 D' água do esquecimento, se lá chegam
 Os fortes Portugueses que navegam.
- 33 Sustentava contra ele Vénus bela,
 Afeiçoada à gente Lusitana
 Por quantas qualidades via nela
 Da antiga, tão amada, sua Romana;
 Nos fortes corações, na grande estrela
 Que mostraram na terra Tingitana,
 E na língua, na qual quando imagina,
 Com pouca corrupção crê que é a Latina.
- 34 Estas causas moviam Citereia,
 E mais, porque das Parcas claro entende
 Que há-de ser celebrada a clara Deia
 Onde a gente belígera se estende.
 Assi que, um, pela infâmia que arreceia,
 E o outro, pelas honras que pretende,
 Debatem, e na perfia permanecem;
 A qualquer seus amigos favorecem.

OS LUSÍADAS

- 35 Qual Austro fero ou Bóreas na espessura
De silvestre arvoredos abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura
Com ímpeto e braveza desmedida,
Brama toda montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto, levantado
Entre os Deuses, no Olimpo consagrado.
- 36 Mas Marte, que da Deusa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De antre os Deuses em pé se levantava:
Merencório no gesto parecia;
O forte escudo, ao colo pendurado,
Deitando pera trás, medonho e irado;
- 37 A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se pôs diante
De Júpiter, armado, forte e duro;
E dando ãa pancada penetrante
Co conto do bastão no sólio puro,
O Céu tremeu, e Apolo, de torvado,
Um pouco a luz perdeu, como enfiado;
- 38 E disse assi: – «Ó Padre, a cujo império
Tudo aquilo obedece que criaste:
Se esta gente que busca outro Hemisfério,
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vitupério,
Como há já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito.

OS LUSÍADAS

- 39 «Que, se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
Pois que de Luso vêm, seu tão privado;
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque enfim vem de estômago danado;
Que nunca tirará alheia enveja
O bem que outrem merece e o Céu deseja.
- 40 «E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada
Não tornes por detrás, pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercúrio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve e à seta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra onde se informe
Da Índia, e onde a gente se reforme.»
- 41 Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentiu
No que disse Mavorte valeroso
E néctar sobre todos esparziu.
Pelo caminho Lácteo glorioso
Logo cada um dos Deuses se partiu,
Fazendo seus reais acatamentos,
Pera os determinados apousentos.
- 42 Enquanto isto se passa na fermosa
Casa etérea do Olimpo omnipotente,
Cortava o mar a gente belicosa
Já lá da banda do Austro e do Oriente,
Entre a costa Etiópica e a famosa
Ilha de São Lourenço; e o Sol ardente
Queimava então os Deuses que Tifeu
Co temor grande em pexes converteu.

OS LUSÍADAS

- 43 Tão brandamente os ventos os levavam
Como quem o Céu tinha por amigo;
Serenos o ar e os tempos se mostravam,
Sem nuvens, sem receio de perigo.
O promontório Prasso já passavam
Na costa de Etiópia, nome antigo,
Quando o mar, descobrindo, lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca e lava.
- 44 Vasco da Gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas empresas se oferece,
De soberbo e de altivo coração,
A quem Fortuna sempre favorece,
Pêra se aqui deter não vê razão,
Que inabitada a terra lhe parece.
Por diante passar determinava,
Mas não lhe sucedeu como cuidava.
- 45 Eis aparecem logo em companhia
Uns pequenos batéis, que vêm daquela
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela.
A gente se alvoroça e, de alegria,
Não sabe mais que olhar a causa dela.
– «Que gente será esta?» (em si diziam)
«Que costumes, que Lei, que Rei teriam?»
- 46 As embarcações eram na maneira
Mui velozes, estreitas e compridas;
As velas com que vêm eram de esteira,
Dũas folhas de palma, bem tecidas;
A gente da cor era verdadeira
Que Fáeton, nas terras acendidas,
Ao mundo deu, de ousado e não prudente
(O Pado o sabe e Lampetusa o sente).

OS LUSÍADAS

- 47 De panos de algodão vinham vestidos,
De várias cores, brancos e listrados;
Uns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados;
Das cintas pêra cima vêm despídos;
Por armas têm adagas e tarçados;
Com toucas na cabeça; e, navegando,
Anafis sonorosos vão tocando.
- 48 Cos panos e cos braços acenavam
Às gentes Lusitanas, que esperassem;
Mas já as proas ligeiras se inclinavam,
Pera que junto às Ilhas amainassem.
A gente e marinheiros trabalhavam
Como se aqui os trabalhos s' acabassem:
Tomam velas, amaina-se a verga alta,
Da âncora o mar ferido em cima salta.
- 49 Não eram ancorados, quando a gente
Estranha polas cordas já subia.
No gesto ledos vêm, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente;
Do licor que Lieu prantado havia
Enchem vasos de vidro; e do que deitam
Os de Fáeton queimados nada enjeitam.
- 50 Comendo alegremente, perguntavam,
Pela Arábica língua, donde vinham,
Quem eram, de que terra, que buscavam,
Ou que partes do mar corrido tinham?
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas repostas que convinham:
– «Os Portugueses somos do Ocidente,
Imos buscando as terras do Oriente.

OS LUSÍADAS

- 51 «Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antártico e Calisto,
Toda a costa Africana rodeado;
Diversos céus e terras temos visto;
Dum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos e benquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Aqueronte.
- 52 «E, por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental que o Indo rega;
Por ele o mar remoto navegamos,
Que só dos feios focas se navega.
Mas já razão parece que saibamos
(Se entre vós a verdade não se nega),
Quem sois, que terra é esta que habitais,
Ou se tendes da Índia alguns sinais?»
- 53 – «Somos (um dos das Ilhas lhe tornou)
Estrangeiros na terra, Lei e nação;
Que os próprios são aqueles que criou
A Natura, sem Lei e sem Razão.
Nós temos a Lei certa que ensinou
O claro descendente de Abraão,
Que agora tem do mundo o senhorio;
A mãe Hebreia teve e o pai, Gentio.
- 54 «Esta Ilha pequena, que habitamos,
É em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos,
De Quíloa, de Mombaça e de Sofala;
E, por ser necessária, procuramos,
Como próprios da terra, de habitá-la;
E por que tudo enfim vos notifique,
Chama-se a pequena Ilha – Moçambique.

OS LUSÍADAS

- 55 «E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo Idaspe e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sãbiamente.
Também será bem feito que tenhais
Da terra algum refresco, e que o Regente
Que esta terra governa, que vos veja
E do mais necessário vos proveja.»
- 56 Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus batéis com toda a companhia;
Do Capitão e gente se apartou
Com mostras de devida cortesia.
Nisto Febo nas águas encerrou
Co carro de cristal, o claro dia,
Dando cargo à Irmã que alumiasse
O largo mundo, enquanto repousasse.
- 57 A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria e não cuidada,
Por acharem da terra tão remota
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então consigo cuida e nota
Na gente e na maneira desusada,
E como os que na errada Seita creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.
- 58 Da Lũa os claros raios rutilavam
Polas argêntas ondas Neptuninas;
As Estrelas os Céus acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas;
Os furiosos ventos repousavam
Polas covas escuras peregrinas;
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

OS LUSÍADAS

- 59 Mas, assi como a Aurora marchetada
Os fermosos cabelos espalhou
No Céu sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hiperiónio, que acordou,
Começa a embandeirar-se toda a armada
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas e alegria
O Regedor das Ilhas, que partia.
- 60 Partia, alegremente navegando,
A ver as naus ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando
Que são aquelas gentes inumanas
Que, os apousentos Cáspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram e, por ordem do Destino,
O Império tomaram a Costantino.
- 61 Recebe o Capitão alegremente
O Mouro e toda sua companhia;
Dá-lhe de ricas peças um presente,
Que só pera este efeito já trazia;
Dá-lhe conserva doce e dá-lhe o ardente,
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come e bebe.
- 62 Está a gente marítima de Luso
Subida pela enxárcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso
E a linguagem tão bárbara e enteeda.
Também o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o traje e a forte armada;
E, perguntando tudo, lhe dizia
Se porventura vinham de Turquia.

OS LUSÍADAS

- 63 E mais lhe diz também que ver deseja
Os livros de sua Lei, preceito ou fé,
Pera ver se conforme à sua seja,
Ou se são dos de Cristo, como crê;
E por que tudo note e tudo veja,
Ao Capitão pedia que lhe dê
Mostra das fortes armas de que usavam
Quando cos inimigos pelejavam.
- 64 Responde o valeroso Capitão,
Por um que a língua escura bem sabia:
– «Dar-te-ei, Senhor ilustre, relação
De mi, da Lei, das armas que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia,
Mas sou da forte Europa belicosa;
Busco as terras da Índia tão famosa.
- 65 «A Lei tenho d' Aquele a cujo império
Obedece o visível e invisível,
Aquele que criou todo o Hemisfério,
Tudo o que sente e todo o insensível;
Que padeceu desonra e vitupério,
Sofrendo morte injusta e insofrível,
E que do Céu à Terra enfim deceu,
Por subir os mortais da Terra ao Céu.
- 66 «Deste Deus-Homem, alto e infinito,
Os livros que tu pedes não trazia,
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria;
Como amigo as verás, porque eu me obrigo
Que nunca as queiras ver como inimigo.»

OS LUSÍADAS

- 67 Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Vêm arneses e peitos reluzentes,
Malhas finas e lâminas seguras,
Escudos de pinturas diferentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos e sagitíferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas.
- 68 As bombas vêm de fogo, e juntamente
As panelas sulfúreas, tão danosas;
Porém aos de Vulcano não consente
Que dêm fogo às bombardas temerosas;
Porque o generoso ânimo e valente,
Entre gentes tão poucas e medrosas,
Não mostra quanto pode; e com razão,
Que é fraqueza entre ovelhas ser lião.
- 69 Porém disto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que viu com olho atento,
Um ódio certo na alma lhe ficou,
Ûa vontade má de pensamento;
Nas mostras e no gesto o não mostrou,
Mas, com risonho e ledo fingimento,
Tratá-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.
- 70 Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem pudesse à Índia ser levado;
Diz-lhe que o largo prémio levarão
Do trabalho que nisso for tomado.
Promete-lhos o Mouro, com tenção
De peito venenoso e tão danado
Que a morte, se pudesse, neste dia,
Em lugar de pilotos lhe daria.

OS LUSÍADAS

- 71 Tamanho o ódio foi e a má vontade
 Que aos estrangeiros súbito tomou,
 Sabendo ser sequaces da Verdade
 Que o filho de David nos ensinou!
 Ó segredos daquela Eternidade
 A quem juízo algum não alcançou:
 Que nunca falte um pérfido inimigo
 Àqueles de quem foste tanto amigo!
- 72 Partiu-se nisto, enfim, co a companhia,
 Das naus o falso Mouro despedido,
 Com enganosa e grande cortesia,
 Com gesto ledado a todos e fingido.
 Cortaram os batéis a curta via
 Das águas de Neptuno; e, recebido
 Na terra do obseqüente ajuntamento,
 Se foi o Mouro ao cógnito apousento.
- 73 Do claro Assento etéreo, o grão Tebano,
 Que da paternal coxa foi nascido,
 Olhando o ajuntamento Lusitano
 Ao Mouro ser molesto e avorrecido,
 No pensamento cuida um falso engano,
 Com que seja de todo destruído;
 E, enquanto isto só na alma imaginava,
 Consigno estas palavras praticava:
- 74 – «Está do Fado já determinado
 Que tamanhas vitórias, tão famosas,
 Hajam os Portugueses alcançado
 Das Indianas gentes belicosas;
 E eu só, filho do Padre sublimado,
 Com tantas qualidades generosas,
 Hei-de sofrer que o Fado favoreça
 Outrem, por quem meu nome se escureça?

OS LUSÍADAS

- 75 «Já quiseram os Deuses que tivesse
O filho de Filipo nesta parte
Tanto poder que tudo sometesse
Debaixo do seu jugo o fero Marte;
Mas há-se de sofrer que o Fado desse
A tão poucos tamanho esforço e arte,
Qu' eu, co grão Macedónio e Romano,
Dêmos lugar ao nome Lusitano?
- 76 «Não será assi, porque, antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu decerei à Terra e o indignado
Peito revolverei da Maura gente;
Porque sempre por via irá direita
Quem do oportuno tempo se aproveita.»
- 77 Isto dizendo, irado e quási insano,
Sobre a terra Africana descendeu,
Onde, vestindo a forma e gesto humano,
Pera o Prasso sabido se moveu.
E, por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteu
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, sábio, e co Xeque mui valido.
- 78 E, entrando assi a falar-lhe, a tempo e horas,
A sua falsidade acomodadas,
Lhe diz como eram gentes roubadoras
Estas que ora de novo são chegadas;
Que das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veio que roubadas
Foram por estes homens que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

OS LUSÍADAS

- 79 – «E sabe mais (lhe diz), como entendido
Tenho destes Cristãos sanguinolentos,
Que quási todo o mar têm destruído
Com roubos, com incêndios violentos;
E trazem já de longe engano urdido
Contra nós; e que todos seus intentos
São pera nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos cativarem.
- 80 «E também sei que tem determinado
De vir por água a terra, muito cedo,
O Capitão, dos seus acompanhado,
Que da tenção danada nasce o medo.
Tu debes de ir também cos teus armado
Esperá-lo em cilada, oculto e quedo;
Porque, saindo a gente descuidada,
Cairão facilmente na cilada.
- 81 «E se inda não ficarem deste jeito
Destruídos ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha e ardil que te contente:
Manda-lhe dar piloto que de jeito
Seja astuto no engano, e tão prudente
Que os leve aonde sejam destruídos,
Desbaratados, mortos ou perdidos.»
- 82 Tanto que estas palavras acabou
O Mouro, nos tais casos sábio e velho,
Os braços pelo colo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho;
E logo nesse instante concertou
Pera a guerra o belígero aparelho,
Pera que ao Português se lhe tornasse
Em roxo sangue a água que buscasse.

OS LUSÍADAS

- 83 E busca mais, pera o cuidado engano,
Mouro que por piloto à nau lhe mande,
Sagaz, astuto e sábio em todo o dano,
De quem fiar se possa um feito grande.
Diz-lhe que, acompanhando o Lusitano,
Por tais costas e mares co ele ande,
Que, se daqui escapar, que lá diante
Vá cair onde nunca se alevante.
- 84 Já o raio Apolíneo visitava
Os Montes Nabateios acendido,
Quando Gama cos seus determinava
De vir por água a terra apercebido.
A gente nos batéis se concertava
Como se fosse o engano já sabido;
Mas pôde suspeitar-se fácilmente,
Que o coração pres[s]ago nunca mente.
- 85 E mais também mandado tinha a terra,
De antes, pelo piloto necessário,
E foi-lhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuidava mui contrário.
Por isto, e porque sabe quanto erra
Quem se crê de seu pérfido adversário,
Apercebido vai como podia
Em três batéis sòmente que trazia.
- 86 Mas os Mouros, que andavam pela praia
Por lhe defender a água desejada,
Um de escudo embraçado e de azagaia,
Outro de arco encurvado e seta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia,
Outros muitos já postos em cilada;
E, por que o caso leve se lhe faça,
Põem uns poucos diante por negaça.

OS LUSÍADAS

- 87 Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os belicosos Mouros acenando
Com a adarga e co a hástea perigosa,
Os fortes Portugueses incitando.
Não sofre muito a gente generosa
Andar-lhe os Cães os dentes amostrando;
Qualquer em terra salta, tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode que é primeiro:
- 88 Qual no corro sanguino o ledó amante,
Vendo a fermosa dama desejada,
O touro busca e, pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena e brada,
Mas o animal atroz, nesse instante,
Com a fronte cornígera inclinada,
Bramando, duro corre e os olhos cerra,
Derriba, fere e mata e põe por terra.
- 89 Eis nos batéis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artelharia;
A plúmbea péla mata, o brado espanta;
Ferido, o ar retumba e assovia.
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria.
Já foge o escondido, de medroso,
E morre o descoberto aventureiro.
- 90 Não se contenta a gente Portuguesa,
Mas, seguindo a vitória, estrui e mata;
A povoação sem muro e sem defesa
Esbombardeia, acende e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa,
Que bem cuidou comprá-la mais barata;
Já blasfema da guerra, e maldizia,
O velho inerte e a mãe que o filho cria.

OS LUSÍADAS

- 91 Fugindo, a seta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde e de apressado,
A pedra, o pau e o canto arremessando;
Dá-lhe armas o furor desatinado.
Já a Ilha, e todo o mais, desamparando,
À terra firme foge amedrontado;
Passa e corta do mar o estreito braço
Que a Ilha em torno cerca em pouco espaço.
- 92 Uns vão nas almadias carregadas,
Um corta o mar a nado, diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar e o deita juntamente.
Arrombam as miúdas bombardadas
Os pangaios sutis da bruta gente.
Destarte o Português, enfim, castiga
A vil malícia, pérfida, inimiga.
- 93 Tornam vitoriosos pera a armada,
Co despojo da guerra e rica presa,
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistência nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
No ódio antigo mais que nunca acesa;
E, vendo sem vingança tanto dano,
Sòmente estriba no segundo engano.
- 94 Pazes cometer manda, arrependido,
O Regedor daquela inica terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido
Que em figura de paz lhe manda guerra;
Porque o piloto falso prometido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Pera os guiar à morte lhe mandava,
Como em sinal das pazes que tratava.

OS LUSÍADAS

- 95 O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado e ventos tinha
Pera ir buscar o Indo desejado,
Recebendo o piloto que lhe vinha,
Foi dele alegremente agasalhado,
E respondendo ao mensageiro, a tento,
As velas manda dar ao largo vento.
- 96 Destarte despedida, a forte armada
As ondas de Anfitrite dividia,
Das filhas de Nereu acompanhada,
Fiel, alegre e doce companhia.
O Capitão, que não cala em nada
Do enganoso ardil que o Mouro urdia,
Dele mui largamente se informava
Da Índia toda e costas que passava.
- 97 Mas o Mouro, instruído nos enganos
Que o malévolos Baco lhe ensinara,
De morte ou cativoiro novos danos,
Antes que à Índia chegue, lhe prepara.
Dando razão dos portos Indianos,
Também tudo o que pede lhe declara,
Que, havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.
- 98 E diz-lhe mais, co falso pensamento
Com que Sínon os Frígios enganou,
Que perto está ãa Ilha, cujo assento
Povo antigo Cristão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava atento,
Tanto co estas novas se alegrou
Que com dádivas grandes lhe rogava
Que o leve à terra onde esta gente estava.

OS LUSÍADAS

- 99 O mesmo o falso Mouro determina
Que o seguro Cristão lhe manda e pede;
Que a Ilha é possuída da malina
Gente que segue o torpe Mahamede.
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
À Moçambique esta Ilha, que se chama
Quíloa, mui conhecida pola fama.
- 100 Pera lá se inclinava a leda frota;
Mas a Deusa em Citere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente dela tanto amada,
E com ventos contrairos a desvia
Donde o piloto falso a leva e guia.
- 101 Mas o malvado Mouro, não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade inica cometendo,
Ainda em seu propósito constante,
Lhe diz que, pois as águas, discorrendo,
Os levaram por força por diante,
Que outra Ilha tem perto, cuja gente
Eram Cristãos com Mouros juntamente.
- 102 Também nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento, enfim, levava;
Que aqui gente de Cristo não havia,
Mas a que a Mahamede celebrava.
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas, a Ilha demandava;
Mas, não querendo a Deusa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fora.

OS LUSÍADAS

- 103** Estava a Ilha à terra tão chegada
Que um estreito pequeno a dividia;
Õa cidade nela situada,
Que na frente do mar aparecia,
De nobres edifícios fabricada,
Como por fora, ao longe, descobria,
Regida por um Rei de antiga idade:
Mombaça é o nome da Ilha e da cidade.
- 104** E sendo a ela o Capitão chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falso piloto lhe dissera,
Eis vêm batéis da terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era;
Que Baco muito de antes o avisara,
Na forma doutro Mouro, que tomara.
- 105** O recado que trazem é de amigos,
Mas debaxo o veneno vem coberto,
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Ó grandes e gravíssimos perigos,
Ó caminho de vida nunca certo,
Que aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança!
- 106** No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

OS LUSÍADAS

NOTAS

1.1

“As armas e os barões assinalados”: desde o primeiro verso o Poeta revela o seu grande inspirador, Virgílio: “arma virumque cano...” (hendíadidas).

Camões rejeitou o emprego pouco expressivo da forma correspondente a *vir* e adoptou ‘barão’ (já usado na Idade Média – *barom* e *varom* – no sentido de *vir*). ‘Barões’ não foi escolhido apenas para designar o indivíduo do sexo masculino, mas homem ilustre e esforçado (título nobiliárquico, provavelmente do germ. *Baro*: ‘homem livre, apto para a luta’, aparentado com o escand. ant. *beriaske*: ‘pelejar’ segundo Corominas, s. v. ‘Barón’). Camões aplicou o termo mesmo a S. Tomé, ‘barão sagrado’ (X.108.7). No poema a forma ‘barão’ alterna com ‘varão’, embora esta seja usada com menos frequência (v. VI.37.4, IX.91.3 e X.7.2). ED escreveu sempre ‘barão’ na sua ed. de *Os Lusíadas*. Gaspar Barreiros, na sua *Chorographia*, fl. 197 v.º, escreve: “Nicolaio Leonicensi, doctissimo *baram*” e “Nunca fama de *baram* illustre, por mais celebrado que fosse, teve tal fortuna (Hércules)”.

1.2

“Que da ocidental *praia lusitana*”: isto é, de Portugal. O emprego ‘ocidental’ reforça a situação geográfica de ‘praia lusitana’. Camões chama aos Portugueses ‘Lusitanos’ (e, frequentemente, ‘os de Luso’). A que época remonta o uso deste etnónimo? TB, na obra *Camões, a Obra Lírica e Épica*, p. 401, citando Herculano, *Hist. de Portugal*, t. I, 10, lembra o discurso latino recitado pelo bispo D. Garcia de Meneses em 1481 diante de Sisto IV (e do célebre humanista Pompónio Leto). Luís Anríques, poeta do *Cancioneiro Geral*, na sua “Lamentação à morte del rei D. João” (II) (GG, III, 65-68), emprega *Lusitânia* e *lusitanos*. Mas muito antes, na chamada *Crónica de Cinco Reis* (de 1419), escreveu-se no cap. xv: “... e quando o prior de S.ta Cruz a que chamavao D. Theotonio ... vio que lhe tomaraõ aquelle lugar que lhe elrei D. A.º avia dado ouve em grande pesar & se partio do m ro [mosteiro] e foisse as terras de Lusitania que os

OS LUSÍADAS

mouros possuiaõ e andou tanto ateesque filhou arrõches.” [Duarte Galvão, que copiou este (e outros capítulos), substituiu ‘Lusitânia’ por ‘Alentejo’.] Sobre a origem de ‘Lusitânia’ v. VIII.2.7-8. Ort.: valeroso (por valoroso).

1.3

“Por mares nunca de antes navegados”: cf. I.27.3: ‘Por vias nunca usadas’; II.45.8: ‘Novos mundos ao mundo irão mostrando’; V.4.1-2: ‘Assi fomos abrindo aqueles mares / que geração algũa não abriu’; V.37.3: ‘cortando / os mares nunca d’outrem navegados’; V.41.8: ‘Nunca arados d’estranho ou próprio lenho’; V.66.3: ‘No largo mar fazendo novas vias’; VII.25.5-6: ‘Abrindo, lhe responde, o mar profundo, / Por onde nunca veio gente humana’; VII.30.7: ‘Por mares nunca d’outro lenho arados’; VIII.4.6: ‘Depois de ter tão largo mar arado’; IX.86.5-7: ‘Para lhe descobrir da unida Esfera / Da terra imensa e mar não navegado / Os segredos ...’; X.138.3: ‘Abrindo a porta ao vasto mar patente’. A grandeza do feito está evidenciada nesta ideia mestra, tão insistentemente repetida.

1.4-7

“Passaram ainda além da *Taprobana*” (por *Tapróbana*): identificada com a ilha de Ceilão (v. X.107.4 e X.51.1). Barros, na 3.^a *Década*, liv. II, enuncia assim o seu cap. I: *Em que se descreve o sítio & consas da ilha Ceilão a que os antigos chamão Taprobana*; “E entre gente remota edificaram”: sobre a conservação da copulativa inicial no v. 7 (‘E entre gente’), e não no v. 5 (‘Em perigos’), v. JMR, em BCL, vol. XIII, pp. 724 a 728.

2.3-7

“... e as terras viciosas”: terras corrompidas (na fé). O sentido esclarece-se pelos vv. de VII.17.6-7: “... alguns o vicioso / Mahoma...”; “De África e de Ásia andaram *devastando*”: assolando, destruindo, arruinando; “Se vão da *lei da morte* libertando”: da lei do esquecimento; “... espalharei *por toda parte*”: Camões emprega indiferentemente ‘por toda parte’ e ‘por toda a parte’. Usa ‘toda parte’ em I.2.7, em IV.15.4, em IV.25.7, em IV.84.8, em VIII.89.3 e em X.67.3; e ‘toda a parte’ em I.51.2, em II.37.7, em III.51.6, em III.79.8, em IX.77.6 e em X.67.3. Em X.78.7 diz por duas vezes: “Por toda a parte tem, e em toda a parte [Começa e acaba ...]”.

OS LUSÍADAS

3.1

“Cessem do *sábio* grego e do *Troiano*”: o *sábio grego* é Ulisses, cujo longo e aventuroso regresso a Ítaca faz o assunto da Odisseia. Na *Iliada* e na *Odisseia*, além de ‘divino’ e ‘dilecto de Zeus’, Ulisses é, sobretudo, o ‘prudéntíssimo’ e o ‘ardiloso’. Para Camões será, sobretudo (como em Ovídio, *M*, XIII.92), o ‘facundo’ (II.45.1, V.86.3-4 e VIII.5.1-2), em virtude da actividade diplomática do rei de Ítaca, de que dá conta a *Iliada*. Em X.24, porém, Camões toma o partido de Aiace (Ajax) e fala na ‘língua vã’ e ‘fraudenta’ de Ulisses (v. comentário a esta estância, vv. 3-4). O *Troiano* é Eneias, cujas navegações foram cantadas por Virgílio na *Eneida*. Apesar de se tratar de ‘fábulas vãs, tão bem sonhadas’ (V.89.6), Camões pergunta ao rei de Melinde: “Crês tu que tanto Eneias e o facundo Ulisses pelo mundo se estendessem?” (V.86.3-4), tornando reais estas fabulosas viagens.

3.3

“Cale-se de *Alexandro* e de *Trajano*”: Alexandre Magno, rei da Macedónia (356-323 a. C.), falecido em Babilónia. Grande figura de cabo de guerra, de político e de chefe civilizador. Derrotou Dario e chegou ao oceano Índico. Já antes de 1470 o cronista Zurara estabelecia o confronto das conquistas e navegações portuguesas com as de Alexandre e as de César: “Por certo eu dovido”, diz o autor, “se depois do grande poderyo de Alexandre e de César foe algum principe no mundo que tan longe de sua terra mandasse poer os malhões de sua conquista!” (cap. 63.º); “e nom sey se Alexandre, que foe hum dos monarcas do mundo, bebeo em seus dyas augua que de tam longe lhe fosse trazida” (cap. 65.º). Neste poema, em VIII.12.1, Alexandre é associado a César.

Trajano (Marcus Ulpius Trajanus Crinitus), imperador romano (52-117). Comandou as legiões da Baixa Germânia, combateu os Dácios (no Baixo Danúbio), criou uma província de Arábia e empreendeu uma expedição contra os Partas, povo cita. Perseguiu os Cristãos. Luís Anriques, a propósito da morte de D. João II, escreveu no *CG*:

*Em sua bondade trespassa Trajano,
e outro Alexandre e grande fraqueza*

(Ed. GG, III, p. 68)

OS LUSÍADAS

Ort.: Camões emprega a forma ‘Alexandro’ em I.3.3, V.93.2, V.95.2, V.96.7 e X.156.7 e ‘Alexandre’ em VIII.12.1 e X.48.1.

3.5-7

“... o *peito* ilustre Lusitano”: a palavra *peito* é empregada pelo Poeta noventa e sete vezes (v. IAVL, s. v.) e em sete sentidos diferentes. (*Dicionário dos Lusíadas*, por Afrânio Peixoto & Pedro A. Pinto, 1924). Neste lugar está por *valor, coragem*: o valor, a coragem dos Portugueses; “A quem *Neptuno* e *Marte* obedeceram”: *Neptuno* (*Posídon*, na mitologia grega), filho de *Cronos* (*Saturno*) e de *Réia* (ou *Cíbele*), deus do elemento húmido e, mais restritamente, do mar. Irmão de *Zeus*; *Marte*, deus romano (identificado com o deus *Ares* helénico, que tem como principal atributo a guerra). Era filho de *Zeus* e de *Hera*. V. I.36.1; “*Cesse* tudo o que a *Musa* antiga canta”: *Cesse*, com o sentido do v. 1: cessem. MC e FS em seus comentários evocam estes dois versos de Propércio (lib. 2, eleg. 33) como possível fonte do Poeta: “*Cedite Romani Scriptores, cedite Grai! / Nescio quid maius nascitur Iliadè*”, que MC traduz desta forma: «Estem (=estejam) de parte os escriptores Latinos & Gregos, que agora novamête sae a luz, hum não sei quê, maior que a *Iliada* de Homero»; *Musa antiga*, a poesia dos Gregos e Romanos. Ort.: *Antigua* (gu=g).

4.1

“E vós, *Tágides* minhas ...”: *Tágides* são as ‘ninfas’ ou ‘filhas’ do Tejo, a quem o Poeta solicitará a ‘fúria’, isto é, a inspiração poética e às quais associará em VII.78.3 as ‘filhas do Mondego’. Não deve estranhar-se esta associação, visto que D. Dinis

... de *Helicon* (*Hélicon*) as *Musas* fez passar-se
A pisar do Mondego a fértil erva

(III.917.3-4)

No entanto, a partir de III.1.1 o Poeta invoca também *Calíope*, (no início da grande narrativa ao rei de Melinde) e será a ‘minha Calíope’ (X.8.5), mais ainda a ‘gram Rainha / das Musas’ (X.9.7-8), como poderia ter dito Hesíodo ou Virgílio. Esta será associada às ‘filhas do Tejo’ (V.99.6-7) e sem esquecer o suserano das *nove Musas* clássicas, *Fébo* ou *Apolo*. Em VII.87.5 pede a *Apolo* e às *Musas* que o

OS LUSÍADAS

acompanharam (a ele, Poeta) que lhe dobrem a ‘fúria’ concedida. A criação da palavra ‘Tágides’ foi vindimada por André de Resende numa anotação (liv. II, v. 195, nota 48, p. 79) ao seu poema *Vincentius* (1545). O carme sobre a morte de D. Beatriz de Sabóia, em que o Poeta pela primeira vez teria usado aquele vocábulo, ou se perdeu ou é desconhecido. (CMV, *O Instituto*, vol. 52.º, 1905, pp. 241-250.)

4.5-7

“Dai-me agora um *som* alto e sublimado”: dai-me ... uma voz que atinja o sublime; “Um estilo *grandíloco* e *corrente*”: um estilo elevado, mas fluente; “Por que de vossas águas *Febo* ordene”: para que *Febo* (epíteto de *Apolo*) ordene a respeito de vossas águas (sintaxe latina, mas vigorosa em nossos clássicos).

Ort.: *grandíloco*, única grafia utilizada pelo Poeta.

4.8

“Que não tenham enveja às de *Hipocrene*”: *Hipocrene* é etimologicamente a *Fonte Cabalina* ou a *Fonte do Cavalo*. Camões chamou-lhe *Fonte Cabalina* na égloga IV e *águas cabalinas* no soneto 153. *Hipocrene* é uma das nascentes (a mais celebrada pelos poetas) que brotam na “grande e divina montanha”, o *Hélicon* (Hesíodo) (v. “Prelúdio” da *Teogonia*), nos confins da Fócida e da Beócia, entre o lago Cópais e o golfo de Corinto. O cavalo ‘Pégaso’ feriu a rocha com o casco e assim brotou a fonte. Outra nascente do *Hélicon* é *Aganipe*, citada por Camões (III.2.4). A escolha das ‘musas heliconianas’ por Hesíodo justifica-se porque este, nascido em Ascra, vivia perto do *Hélicon* e do *vale das Musas*. Camões refere ainda outras moradas de *Apolo* e das *Musas*: o *Pindo* (cadeia de montanhas que separa o Epiro da Tessália) (III.2.5) e o *Parnaso*, monte da Fócida, perto de Delfos, sede de um importante santuário consagrado a *Apolo*, onde brotava a água da fonte *Castália* (I.32.4). Ort.: *enveja* (por *inveja*).

5.1

“Dai-me ãa *fúria* grande e *sonorosa*”: dai-me um entusiasmo criador; *sonoroso* (de *sonoro*+*oso*), ressonante, fragorosa (mais usada por Camões do que *sonoro*). Os comentadores, desde MC, comparam a *fúria* ao *furor* latino e citam vários exemplos, como este, de Cícero: “Poetam bonum neminem ... existere posse sine quodam afflatu quasi furoris”, *De Or.* 2.194. No entanto, a palavra foi estranhada, no

OS LUSÍADAS

tempo de Camões. Entre os epigramas de Pero de Andrade Caminha encontra-se este:

*Dizes que o bom Poeta á de ter furia;
Se nom á de ter mais, és bom Poeta.
Mas se o Poeta á de ter mais que fúria,
Tu nom tens mais que furia de Poeta.*

(CXLV)

(Poesias ..., Lisboa, MDCCXCI)

5.2

“E não de *agreste avena* ou *frauta ruda*” (a mesma ideia expressa por palavras diferentes: *avena* e *frauta*). Estilo humilde e simples (o das églogas). Esta ideia já foi expressa em o “verso humilde” do v. 3 da estância anterior. A palavra *avena* foi provavelmente tirada de Virgílio; cf. o suposto início da *Eneida*: “Ille ego qui quondam gracili modulatus avena / carmen ...”; *Frauta ruda*, flauta rústica. Ort.: Camões só conheceu a forma *frauta*.

5.3-5

“Mas de *tuba canora e belicosa*”: *tuba*, trombeta; *canora* (de *canora* < *canor*) harmoniosa, melodiosa; *belicosa* (de *bellicosus* < *bellicus*) guerreira; “Que o *peito* acende e a cor ao *gesto* muda”: *peito*, como em I.3.5: valor, coragem; *gesto*, muito frequente em Camões no sentido geral de fisionomia, feições e, às vezes, modo; “Dai-me *igual canto* aos feitos da famosa”: *igual canto*, “à altura de” (1. *par*).

5.6-7

“Gente vossa, *que a Marte tanto ajuda*”: esta é a sintaxe da edição *princeps*. No entanto, o primeiro comentador, MC, alterou o sentido do verso só com alterar o lugar da preposição *a*: “... a que Marte tanto ajuda”, mas não comentou nem lhe fez qualquer referência. FS voltou à forma da edição *princeps*. Os modernos comentadores têm mantido a forma da edição *princeps*, com excepção de MR, que seguiu MC. Não nos parece que ED tenha razão quando diz que *ajudar* na edição *princeps* tem o sentido de ‘glorificar’. Pode entender-se que a

OS LUSÍADAS

gente portuguesa, *belicosa*, favorece Marte com as suas empresas;
“Que se espalhe e se cante no universo”: sujeito, *a fama da gente vossa*.

6.1-2

“E vós, ó bem nascida segurança / Da Lusitana antiga liberdade”:
começa a dedicatória a D. Sebastião, nascido em Lisboa a 20 de Janeiro de 1554, pouco depois de Camões ter chegado à Índia. Toda a dedicatória foi redigida na menoridade do rei, como se verifica em I.7: *Vós, tenro e novo ramo florescente*; em I.9: *Que nesse tenro gesto vos contemplo*; em I.16: *Que, afeiçoada ao gesto belo e tenro*.

6.6-7

“*Maravilha fatal ...*”: prodígio fixado pelo destino (*fatum*); “Dada ao mundo por Deus, *que todo o mande*”: a oração ‘que todo o mande’ não tem explicação segura, apesar dos esforços dos intérpretes. Se lermos *dada* (a maravilha fatal) *ao mundo por Deus / Pera do mundo a Deus dar parte grande* não há dificuldade nenhuma. Parece-nos, pois, ‘que todo o mande’ depende de *Deus*, e não de *maravilha*, como um anseio de que *Deus* (o Deus católico, a Igreja) mande *todo* (o mundo).

7.1

“Vós, *tenro* e novo ramo florecente”: *tenro* – juvenil.
Ort.: *florecente* (por *florescente*). Camões nunca escreveu de outra maneira.

7.4

“*Cesárea* ou *Cristianíssima* chamada”: árvore (ou família) *cesárea*, a que fundou o Segundo Império do Ocidente (Carlos Magno), tornado Santo Império Romano-Germânico, de que foi fundador Oto I, *o Grande* († em 973), e durou até 1806 (com Francisco II, imperador germânico, depois Francisco I, imperador da Áustria); *cristianíssima*: *Le roi Très Chrétien* ou *Sa Majesté Très Chrétienne*, título usado pelos reis de França em alguns actos pontifícios do século XIV e atribuído a estes príncipes exclusivamente a partir de meados do século XV.

7.5-8

“Vede-o no vosso escudo ...”: v. título do capítulo XV da *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão: “Como Nosso Senhor apareceu aquela noite [véspera da batalha] ao príncipe D. Afonso

OS LUSÍADAS

Henriques posto na cruz como padeceu por nós”. Sobre este assunto v. III.53-54.

8.5-8

“Vós, que *esperamos jugo e vitupério*”: v. ED, *SHP* (ed. de 1933, p. 45): “Alguns verbos podem construir-se com um nome predicativo do complemento directo, em vez de terem ligada a si uma oração substantiva de *ser* ou *estar*”: “Vós, que esperamos (que sejais) jugo e vitupério”; “Do torpe *Ismaelita ...*”: dos Árabes, descendentes de Ismael; “Que ainda bebe o licor do santo rio”: aqui *licor* (do 1. *liquor, oris*) significa *água* – a água do rio Ganges, grande rio da Índia, que desce do Himalaia e desagua no golfo de Bengala. É um rio sagrado, onde se banham os peregrinos.
Ort.: *dece* (por *desce*).

9.3-8

“Que já se mostra qual na *inteira idade*”: inteira idade (1. *integra aetate*) significa na força da vida; “Em versos divulgado *numerosos*”: ritmados, cadenciados.

10.6

“... senhor *superno*”: superior, colocado no alto (latinismo).

11.7-8

“Que excedem *Rodamonte* e o vão *Rugeiro* / E *Orlando*, ainda que fora verdadeiro”: personagens do *Orlando Furioso*, de Ariosto.

12.1-7

“Por estes ...”: “*um Nuno fero*”, D. Nuno Álvares Pereira; “*um Egas*, Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques; “*um Dom Fuas*”, D. Fuas Roupinho, figura meio lendária do nosso século XII. Desbaratou os Mouros na terra e no mar, até que foi deles vencido nas águas de Ceuta. Venceu os Mouros em Porto de Mós, de que tinha o castelo D. Fuas, aos 22 de Maio de 1180; derrotou os Mouros numa batalha naval no cabo Espichel em 15 de Julho do ano citado. A derrota de D. Fuas em Ceuta, depois de ter aí alcançado alguns êxitos, foi em 17 de Outubro do mesmo ano (mas Frei A. Brandão diz 1182). A fonte destas notícias é a *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão. Camões volta a falar de D. Fuas em VIII.16-17; “*Doze Pares*” segundo a *Chanson de Roland*, os *Doze Pares* foram: Roland,

OS LUSÍADAS

Olivier, Samson, Anséis, Gérin, Gérier, Bérenger, Othon, Girard de Roussillon, Ivon, Ivoire, Engelier; “*os doze de Inglaterra e o seu Magriço*”: doze, incluindo o Magriço; “*o ilustre Gama*” – o descobridor da Índia.

13.1-7

“Pois se a troco de *Carlos*, Rei de França”: *Carlos*, Carlos Magno, imperador do Ocidente (800-814); “*César*”, Júlio César (101-44), conquistador das Gálias (59-51), assassinado no meio do Senado, aos idos de Março. Recordar-se a sua frase para um dos mais activos dos conjurados, seu filho adoptivo, Bruto: “*Tu quoque, fili!*”; “*aquele que a seu Reino a segurança / Deixou ...*”: D. João I, vencedor de Aljubarrota; “*Outro Joane ...*”: D. João II.

14.4-7

“*Vossa bandeira sempre vencedora*”: (e fizeram) vencedora vossa bandeira; ‘vencedora’, nome predicativo de ‘bandeira’; “*um Pacheco fortíssimo*”, Duarte Pacheco Pereira (v. X.12-25); “*os Almeidas*”, D. Francisco de Almeida e seu filho D. Lourenço de Almeida (v. X.26-38); “*Albuquerque terrível*”, Afonso de Albuquerque (v. X.40-49); “*Castro forte*”, D. João de Castro (v. X.67-72). *Terrível* é latinismo.

16.1-2

“Em vós os olhos tem o Mouro *frio*”: *frio* (de medo) por ver afigurado em D. Sebastião seu *exício*, isto é, a sua ruína (latinismo).

16.5-8

“*Tétis todo o cerúleo senhorio*”: *Tétis*, filha do *Céu* e da *Terra*, esposa do *Oceano*, reserva em dote a D. Sebastião “todo o *cerúleo* (=da cor do céu) senhorio” porque “deseja comprá-lo para genro”. Imitação do verso de Virgílio: “teque sibi generum Tethys emat omnibus undis” (porventura *Tétis*, pelo preço das suas ondas, pagará a honra de te ter por genro) (*G*, I.31).

MC foi o primeiro a indicar a fonte virgiliana.

17.1-2

“*Olimpica morada ...*”: *olimpica*, de Olimpo, montanha entre a Macedónia e a Tessália, residência dos deuses; “*Dos dous avós ...*”: D. João III, pai do príncipe D. João, e Carlos V, pai da princesa D. Joana.

OS LUSÍADAS

18.5-6

“... o salso *argento*”: *argento*, latinismo que significa prata; “Os vossos *Argonautas* ...”: o Poeta evoca os conquistadores do *Velo de Ouro*, na Cólquida, a bordo do navio *Argo*. Apolónio Ródio e Valério Flacco escreveram poemas sobre este assunto: *Argonáutica*.

19.1-8

“Já no largo Oceano navegavam”: princípio da narração; “Que do gado de *Próteu* são cortadas”: *Proteu* é, na *Odisseia*, um deus do mar, que tem o especial encargo de fazer pastar os rebanhos de focas e outros animais marinhos pertencentes a *Posídon* (v. VI.20.5-6). *Proteu* possuía o dom profético (v. VI.36.1-4). Tinha o poder de se metamorfosear em todas as formas que desejasse (v. VII.85.4). Acent.: o acento em *Próteu* é exigência métrica.

20.7-8

“Convocados, da parte de *Tonante*”: *Tonante*, epíteto dado a *Júpiter* como deus das trovoadas; “Pelo neto gentil do velho *Atlante*”: neto do velho *Atlante*, ou *Atlas*, era *Mercúrio*, filho de *Júpiter* e de *Maia*, a mais nova das *Pléiades*. Estas eram filhas de *Atlas*, o Gigante, e de *Pléione*; esta, por seu turno, filha do *Oceano* e de *Tétis*. *Mercúrio* era um mensageiro de *Júpiter*.

21.1-8

“Deixam dos *sete Céus* o regimento”: os *sete Céus* são as sete esferas planetárias do sistema de Ptolemeu; “Os que habitam o *Arcturo* congelado”: o *Arcturo* é a estrela mais brilhante da constelação do *Boieiro* ou *Bootes*. Foi considerada por vezes como fazendo parte da Ursa Maior e *Arcturo* significa literalmente *guarda da ursa*; “E os que o *Austro* têm ...”: os que moram no Sul; “... e as partes onde / A *Aurora* nasce e o claro Sol se esconde”: vieram, portanto, os deuses do Norte, do Sul, do Leste e do Oeste ao concílio.

22.1-2

“Estava o *Padre* ...”: *Júpiter*; “Que vibra os feros raios de *Vulcano*”: *Vulcano*, filho de *Júpiter* e de *Juno*, era o deus do fogo e fabricava os raios para seu pai.
Ort.: *dino* (por *digno*).

OS LUSÍADAS

23.2

Ort.: *perlas* (por *pérolas*).

24.2

“Estelífero *Pólo* e *claro Assento*”: *Pólo*, céu (l. *polus*); *claro Assento*: brilhante morada; “De *Luso ...*”: *Júpiter* afirma a descendência dos Portugueses. *Estelífero*, estrelado (latinismo).

24.6

“Como é dos Fados *grandes ...*”: *grandes* em poder.

25.8

“Teve os *troféus* pendentes da vitória”: teve pendentes os troféus da vitória; *troféu* era propriamente o tronco de árvore do qual se dependuravam as armas dos vencidos.

26.2-4

“Que co a gente de Rómulo alcançaram”: *gente de Rómulo*, os Romanos; o sujeito de *alcançaram* é a forte gente de Luso (os Lusitanos); “Quando com *Viriato, ...*”: *Viriato* (v. VIII.5.6-7 e VIII.6.2-6), pastor lusitano, que acaudilhou os guerrilheiros lusitanos, infligindo grandes perdas aos Romanos. Quinto Servílio Cipião, em vez de aliança e amizade, preferiu comprar três amigos de Viriato, que o assassinaram à traição (139).

26.6-8

“... quando alevantaram / Um por seu capitão, que, peregrino, / *Fingiu na cerva espírito divino*”: Sertório, tendo recebido como presente uma corça branca, que ele dizia ter sido um presente de *Diana*, afirmava que ela lhe revelava todas as coisas ocultas (ver em Plutarco, *Sertorius*, 11). *Peregrino* (latinismo), *estrangeiro*.

27.1-4

“Agora... *a mais s'atreve*”: por *a mais se atrevem*; *Áfrico*, vento de sudoeste; *Noto*, vento do sul; “Que havendo tanto já que as partes vendo / *Onde o dia é comprido e onde breve*”; o Poeta indica as navegações de norte a sul pelo Oeste de África.

27.7-8

“*Inclinam* seu propósito ...”: o Poeta volta à concordância lógica:

OS LUSÍADAS

sujeito os *Lusitanos*; “A ver os berços onde nasce o dia”: a ver o Oriente.

Ort.: *perfia* (por *porfia*).

28.1-4

“Prometido *lbe* está . . .”: *lbe* por *lbes* era corrente; “Do mar que vê do Sol a *roxa entrada*”: perífrase para designar os mares orientais. No tempo de Camões preferia-se dizer *roxo* a *vermelho*: “*roxa entrada*”, em I.28.4 e I.59.3; “a *roxa* fronte”, II-13.8; o “Mar *Roxo*”, II.49.1; “*roxa Aurora*”, IV.60.7, etc.

29.1-3

“... têm *passados* ... [têm] *experimentados*”: note-se a concordância do participio passivo em género e número com o complemento directo.

30.3-5

“Na sentença *um* do outro *diferia*”: *diferia* não concorda com *Deuses* (v. 2), mas com o aposto *um*; “O *padre Baco* ali não consentia”: aparece pela primeira vez o grande inimigo dos Portugueses a dar as razões do seu desacordo. *Baco* (*Dionysos*) é filho de *Júpiter* (*Zeus*) e *Sémele*. Descobriu a vide e o seu uso. Conquistou a Índia no decorrer de uma expedição semiguerreira, semidivina.

31.4-8

“Da Índia tudo quanto *Dóris* banha”: *Dóris*, filha do *Oceano* e esposa de *Nereu*. É a mãe das *Nereidas*; “De que *Nisa* celebra inda a memória”: para furtar *Baco* aos ciúmes de *Hera*, *Júpiter* transportou *Baco* para longe da Grécia, para um país chamado *Nisa*, que uns situam na Ásia, outros na Etiópia ou na África, e deu-o a criar às Ninfas desse país. V. comentário a VII.52.5.

32.1-7

“Vê que já teve o *Indo* sojugado”: *Indo* (ou *Sindh*), grande rio da Índia e do Paquistão, que se lança ao mar de Omã, formando um vasto delta; “De quantos bebem a água de *Parnaso*”: o *Parnaso*, monte da Grécia, na Fócida, consagrado a *Apolo* e às *Musas*. Aí nasce e corre a fonte *Castália*; “D’água do esquecimento ...”: água do *Lete*, um dos rios dos Infernos, que significa em grego *esquecimento*.
Ort.: *sojugado* (por *subjugado*).

OS LUSÍADAS

33.1-6

“Sustentava contra ele *Vénus* bela”: aparece agora a protectora dos Portugueses, afeiçoada à gente lusitana pelas razões que se invocam nesta estância e se repetem na est. IX.38. *Vénus* foi assimilada à *Afrodite* dos Gregos no segundo século a. C. *Afrodite* é a deusa do amor e da beleza. *Vénus* foi mãe de *Cupido* e de *Eneias* e esposa de *Vulcano*. Tem n’Os *Lusíadas* um papel intercessor fundamental; “Nos fortes corações, na grande estrela”: na coragem e na fortuna; “Que mostraram na terra *Tingitana*”: Mauritânia Tingitana ou Marrocos. É a parte da Mauritânia onde se situa *Tinge* ou *Tingi* (Tânger).

34.1-3

“Estas causas moviam *Citereia*”: *Citereia* é uma das designações de *Vénus* por ter um santuário em Citera, ilha do mar Egeu. O Poeta só volta a invocar *Citereia* em IX-53; “E mais, porque das *Parvas* claro entende”: As *Parvas* são as divindades do *Destino*, equiparadas às Moírai dos Gregos: *Cloto*, *Láquesis* e *Atropos*; a clara *Deia*: a distinta Deusa.

Ort.: *perfia* (por *porfia*). *Porfia* em 36.2.

35.1

Qual *Austro* fero ou *Bóreas* na espessura”: tal como o vento do sul ou do norte.

36.1

“Mas *Marte* ...”: deus da guerra, também conhecido por *Mavorte*. Sobre os amores de *Vénus* e de *Marte* veja-se Lucrécio, *De rerum natura*, I.33-40. Recorde-se que *Vénus* era esposa de *Vulcano* e atente-se nestes versos de Ovídio: “Solis referemus amores / Primus adulterium Veneris cum Marte putatur / Hic vidisse deus; videt hic deus omnia prima.” (*M*, IV.170-172.); e em *V*, G, IV. vv. 345-346: “Inter quas curam Clymene narrabat inanem Vulcani, Martisque dolos et dulcia furta.”

37.7

“O Céu tremeu, e *Apolo*, de torvado”: *Apolo*, filho de *Zeus* e de *Leto*. Esta, perseguida por *Hera*, foi ter a uma ilha chamada *Ortígia*, flutuante e estéril. Aí nasceu *Apolo*. Este, em reconhecimento, fixou a ilha no centro do mundo grego e deu-lhe o nome de *Delos*, ‘a brilhante’. Entre os seus múltiplos atributos conta-se o de ser o deus da luz e de conduzir o carro do Sol.

OS LUSÍADAS

38.3-5

“Se esta *gente* ... / Não queres que *padeçam* ...”: concordância do colectivo do singular com o verbo no plural.

39.3-4

“Bem fora que aqui *Baco* os sustentasse, / Pois que de *Luso* vêm, seu tão privado”: neste lugar *Luso* foi privado de *Baco*; em III.21.5-7 diz o Poeta: “Esta foi Lusitânia, derivada / De Luso ou Lisa, que de Baco antigo / Filhos foram, ... ou companheiros”; em VIII.2.7-8 diz de “... Luso, donde a Fama / O nosso Reino «Lusitânia» chama [Filho e companheiro do Tebano]”. E insiste em VIII.4.4: “... companheiro e filho amado”. Portanto: 1.º, privado; 2.º, filho ou companheiro; 3.º, filho e companheiro.

Ort.: *estômago* (por *estômago*, índole).

41.4-7

E néctar sobre todos esparziu”: o néctar era a bebida e o perfume dos deuses; “Pelo *caminho lácteo* glorioso”: a Via Láctea; “Fazendo seus reais *acatamentos*”: fazendo suas profundas reverências.

Ort.: *valeroso* (por *valeroso*); *apousentos* (por *apousentos*).

42.1-6

“Enquanto isto se passa ... “: o Poeta retoma a narração; “*Ilha de São Lourenço* ...”: Madagáscar.

42.7-8

“[e o Sol ardente] Queimava então os Deuses que *Tifên* / Co temor grande em pexes converteu”: *Tifên*, gigante, filho de *Titã* e da *Terra*, inimigo de *Júpiter*, chefe daqueles que pretenderam escalar o Céu. Os deuses quando viram este monstro escalar o Céu fugiram para o Egipto e metamorfosearam-se. *Vénus* mudou-se em peixe, como diz Ovídio, M, V.331: “*Pisce Venus latuit*”. Diz LPS, em *AL*: “O Sol entrava no signo dos Peixes a 10 de Fevereiro e levava a percorrê-lo até 11 de Março, em que passava para o de Áries. A gente belicosa cortava o mar desde 24 de Fevereiro e ia chegar à ilha de Moçambique, que avistaram em 1 de Março. Esteve durante este trajecto sempre o Sol no signo dos Peixes”.

Ort.: *pexes* (por *peixes*).

OS LUSÍADAS

43.5

“O *promontório Prasso* já passavam”: “O principio da qual começando na oriētal parte della he o Prasso promontorio, q̃ elle Ptholomeu sitou em quinze graos contra o Sul & em tantos estâ per nós verificado: ao qual os naturaes da terra chamam Moçambique, onde ora temos hũa fortaleza que serve de escala das nossas naos nesta navegação da India” (Barros, I.VIII.IV).

45.7

“A *gente* se alvoroça ... /... / (em si *diszjam*)”: sujeito colectivo a concordar com o verbo no plural.

46.6-8

“Que *Fáeton*, nas terras acendidas”: a lenda de Fáeton é admiravelmente contada por Ovídio, em *M*, II.1-366; “(O *Pado* o sabe e *Lampetusa* o sente)”: o corpo de *Fáeton* foi precipitado no Eridano, identificado com o rio Pó (Pado). Foi sepultado por suas irmãs, as *Heliades*, uma das quais se chamava *Lampécia*. Na *Odisseia* (XII.132) aparece uma outra filha do Sol, ao lado de *Lampécia*: *Faetusa*. Em V.91.6 aparece o nome de *Lampécia*. *Lampetusa* parece ser a junção de *Lampécia* e *Faetusa*: *Lampe+tusa*.
Ort.: *veloces* (por *velozes*).

47.1-8

“De panos de algodão vinham vestidos”: Castanheda, I.V: “A gente q̃ vinha dentro erã homẽs baços & de bõs corpos, vestidos de panos dalgodão listrados & de muytas cores, hus cingidos até o giolho, & outros sobraçados como capas: & nas cabeças fotas cõ vivos de seda lavrados de fio douro, & trazião terçados mouriscos & adagas”; “*anafis* sonorosos”: *anafil* (pl. *anafis* ou *anafiles*), trombeta dos Mouros.

48.5-8

“A gente e marinheiros trabalhavam”: trabalhavam todos; “Da âncora o mar *ferido* em cima salta”; bela imagem do Poeta para pôr em relevo o efeito da âncora a cair no mar e a “espirrar” a água para cima.

49.6-8

“Do licor que *Lieu* prantado havia”: *Lyaenus*, um dos nomes de Baco,

OS LUSÍADAS

o deus que liberta dos cuidados; “Os de *Fáeton queimados* nada enjeitam”; os queimados por Fáeton, os negros.

Ort.: *prantado* (por *plantado*).

50.7

“ – Os Portugueses somos do Ocidente”: aposição explicativa de *Portugueses*.

51.2-8

“Toda a parte do *Antártico* e *Calisto*”: *Antártico* é o Pólo; *Calisto* a Ursa Maior. *Calisto*, filha de *Licáon*, rei da Arcádia. Amada de *Zeus*, foi mudada em urso por *Hera* e morta na caça por *Ártemis*. *Zeus* colocou-a no céu, onde se tornou a constelação da *Ursa Maior*. O sentido do verso é, pois, o de que os Portugueses têm navegado toda a parte setentrional e meridional do Oceano; “Mas no lago entraremos de *Aqueronte*”: os Portugueses são tão fiéis e obedientes a seu Rei que, a seu mandado, serão capazes de entrar no *Aqueronte*, que é um rio dos Infernos.

52.4

“Que só dos feios *focas se navega*”: *feios focas* (m.) *se navega*, por é *navegado*.

53.6-8

“O claro descendente de *Abraão*”: o célebre *Mafoma* ou *Mafamede*; “A mãe *Hebreia* teve e o pai, *Gentio*”: *Camões* conhecia o passo de *Barros*, II.X.VI: “*Nasceo em Itrarip* lugar pequeno de *Arábia*, seu pae (segundo dizem os *Mouros*) era de hũa linhagem, a que elles chamão *Corax*, & vem de *Ismael*, & avia nome *Abedelá Gêtio*, sua mãe *Enima*, a qual era *Hebrea*, ambos pessoas do povo ...”

54.1-4

“... certa *escala*”: *escala* certa; “De *Quíloa*, de *Mombaça* e de *Sofala*”: *Vasco da Gama*, na sua segunda viagem à *Índia*, sujeitou o rei de *Quíloa* à obediência do rei de *Portugal* (1502); *Mombaça* foi assaltada por *D. Francisco de Almeida* em 1505; neste ano *Pero da Nhaia*, de origem castelhana, conseguiu do xeque o início de uma improvisada fortificação em *Sofala* (v. X.94.8).

OS LUSÍADAS

55.2

“Buscando o Indo Idaspe ...”: O Hidaspe, grande rio da Índia, afluente do Indo, actualmente o Jelam ou Djelem. Aí tiveram termo as conquistas de Alexandre Magno no Oriente.

56.5-7

“Nisto *Febo* nas águas encerrou”: em grego, literalmente “o brilhante”. Epíteto e nome de *Apolo*; “Dando cargo à Irmã ...”: *Diana*. Os Antigos interpretaram *Ártemis* (identificada a *Diana*) como uma personificação da Lua, que vagueia pelas montanhas.

58.2-3

“Pelas argêntas *ondas Neptuninas*”: pelas ondas do mar (de Neptuno); “As Estrelas os Céus acompanhavam”: as estrelas fixas acompanhavam o firmamento; os planetas são levados nos céus respectivos. V. LPS, *AL*, p. 35.

59.4

“Ao claro *Hiperiónio*, que acordou”: *Hiperíon* ou *Hiperiónio*, um dos *Titãs*, filho de *Úrano* e de *Gaia*. Casado com sua irmã, a titânida *Teia*, gerou o Sol, a Lua e a Aurora. Toma-se por vezes, como neste verso, pelo próprio Sol.
Ort.: *fermosos* (por *formosos*).

60.4-5

“Que são aquelas gentes *inumanas*”: isto é, gentes bárbaras; “Que, os apouentos Cáspios habitando”: os Turcos começaram por habitar as regiões banhadas pelo mar Cáspio, depois vieram descendo e apossaram-se da maior parte do Império Romano do Oriente e acabaram, com Maomet II, por tomar a própria capital, Constantinopla, em 29 de Maio de 1453. No terrível assalto final morreu o imperador Constantino, *Paleólogo*.
Ort.: *apouentos* (por *aposentos*).

61.6

“Não usado licor, ...”: dos Maometanos. Castanheda, I.VI: “& apos isto lhe mandou dar muy bẽ de comer dessas conservas q̃ levava: & do vinho: & ele [o Regedor] comeo & bebeo de boa vôtade: & assi os q̃ hião coele ...”

OS LUSÍADAS

62.8

“Se porventura vinham da Turquia”: Castanheda, I.VI: “Ho çoltão preguntou a Vasco da Gama se vinha de Turquia, porq̃ ouvira dizer q̃ erão brãcos assi como os nossos, & dizialhe que lhe mostrasse os arcos de sua terra, & os livros de sua ley. Ele lhe disse que não era de Turquia se não du grande reyno q̃ confinava coela; & que os seus arcos & armas lhe mostraria & os livros da sua ley não os trazia, porq̃ no mar não tinhão necessidade deles ...”

Ort.: na edição *princeps*, nesta est. *exárchia*. Em VI.84.4 *enxárchia*.

64.2-4

“Por hum que a língua escura bem sabia”: Castanheda, loc. cit.: “E isto lhe dezia pelo lingoa Fernão martinz». O Poeta fala dele em V.77.2. *Língua escura* é a língua arábica; “De mi, da Lei, das armas que *trazía*”: *trazia*, por *trago*. O mesmo em 66.2-6.

Ort.: *valeroso* (por *valeroso*).

65.1

“Aquele que criou todo o Hemisfério”: “O Poeta em geral designa por Hemisfério a meia esfera que se apoia sobre o horizonte”. LPS, *AL*, p. 153.

65.2,4,6,7

“Visíbil”, “invisíbil”, “insensíbil” e “insofríbil” são latinismos.

Ort.: *deceu* (por *descen*).

66.2-6

“Os livros que tu pedes *não trazía*”: por *não trago*; “Em papel o que na alma *andar devia*”: por *andar deve*; “Cumprido esse desejo *te seria*”: por *te será*.

67.2

“Ministros ...”: servidores (latinismo). Outros exemplos do mesmo sentido em II.96.3, III.125.4 e IX.29.5.

67.3-8

“Vêm *arneses* e peitos *reluçentes*”: *arnês*, armadura completa, mas em especial do tronco; *malhas finas*, armaduras de malha; *escudos de pinturas diferentes*, arma defensiva, geralmente circular, com as empresas e divisas que cada um adoptava; *pelouros*, balas, em geral de

OS LUSÍADAS

metal, empregadas em bombardas e peças de artilharia; *espingardas de aço puras* (caso de *trajectio epithetorum*): não espingardas puras, mas de aço puro; *arcos*, bestas; *sagítíferas aljavas*, coldres ou carcasses portadores de setas. *Sagítífero* é latinismo; *partazanas* (fr. *pertuisane*), arma de haste, com ferro de gládio, cortante, mais largo na base e terminando em ponta; *chuços*, pau armado de agulhão ou choupa.

68.2-4

“As panelas sulfúreas ...”: arma muito danosa, por ser preparada com pólvora e enxofre candentes; “... aos de Vulcano ...”: os bombardeiros ou artilheiros, que manejavam as bombardas e peças de artilharia.

69.3-5

“Um ódio certo . . .”: um ódio firme; “Nas mostras e no gesto o não mostrou”: no tratamento, não no rosto.

71.4-6

“Que o *filho de David* nos ensinou”: “... Jesus Cristo, filho de David, filho de Abraão” (“Ev. de S. Mateus”, I.I.1); “A quem juízo algum não alcançou”: negativa reforçada.

Ort.: *sequaces* (por *sequazes*).

72.6-8

“Das águas de *Neptuno*...”: v. I.3.5-7; “... recebido / Na terra do *obsequente* ajuntamento”: recebido em terra pela serviçal multidão de mouros. *Obsequente* é latinismo; “Se foi o Mouro ao *cógnito* apousento”: ao conhecido aposento.

73.1-2

“Do claro Assento ..., o grão *Tebano*”: outro nome de *Baco*, por sua mãe, *Sémele*, ser de Tebas; “Que da paternal coxa foi nascido”: *Baco*, “Ignigenamque satumque iterum solumque bimatrem», como diz Ovídio, *M*, IV.12, porque sua mãe, *Sémele*, quis que *Zeus* se lhe mostrasse em toda a sua potência; mas, não podendo suportar a vista dos raios que o cercavam, caiu fulminada. *Zeus* apressou-se a arrancar o filho que ela trazia no seio, apenas com seis meses, e coseu-o imediatamente na sua coxa. Quando chegou o termo, saiu de lá perfeitamente formado e vivo. É por isso o “duas vezes

OS LUSÍADAS

gerado”, “o único que teve duas mães”.
Ort.: *avorrecido* (por *aborrecido*).

74.6

“... qualidades *generosas*”: no sentido latino de *generosus*: de boa raça, nobre.

75.2-7

“O filho de Filipo nesta parte”: Alexandre Magno, “o grão Macedónio” (I.75.7), que submeteu uma parte da Índia (356-323 a. C.); “Romano” é Trajano (v. I.3.3).
Ort.: *sometesse* (por *submetesse*).

76.4

“Que nunca *veja* as partes do Oriente”: que nunca verá ...
Ort.: *decerei* (por *descerei*).

77.4-8

“Pera o *Prasso sabido* se moveu”: para o conhecido promontório Prasso (v. I.43.5); “... e co *Xeque* mui valido”: *Xeque* é o governador, chefe de tribo arábica.

78.4

“... de novo”: ùltimamente.

80.1-8

“E também sei que tem determinado”: v. Castanheda, I.VII;
“Porque, saindo a *gente* ... / *Cairão* ...”: concordância com o sujeito colectivo no singular.

81.3-5

“Eu tenho *imaginada* no conceito”: concordância com o compl. directo; “Outra manha e ardil ...”: pleonasma; “Manda-lhe dar piloto, que de *jeito*”: *jeito* rima com *jeito* do primeiro verso da mesma estância.

82.1-7

“Tanto que estas palavras ...”: o sujeito é *Baco*; “... nos tais casos sábio e velho”: sábio e experimentado; “Pera que ao Português se *lbe* tomasse”: *lbe* é pleonasma. *Belgêro* é latinismo.

OS LUSÍADAS

83.7

“Que, se daqui escapar, *que* lá adiante”: repetição anacolútica do segundo *que*.

84-1-3

“Já o raio Apolíneo ...”: o singular pelo plural; “Os *Montes Nabateios* acendido [o raio]”: habitados pelos Nabateus, descendentes de Nabath, primogénito de Ismael, tribo do Noroeste da Arábia, entre o mar Vermelho e o Eufrates. Aqui os *Montes* são tomados pelas partes do Oriente; “Quando Gama ...”: caso de fonética sintáctica.

85.2

“*De antes*, pelo piloto necessário”: por *antes*.

86.3-5

“Um ... / Outro ...”: uns ... outros; “... de *azagaia*”: *azagaia*, lança curta; “... *seta ervada*”: seta envenenada com sucos de ervas; “Outros muitos já postos em cilada”: estando outros muitos postos em cilada.

87.3-5

“Com a *adarga* e co a hástea perigosa”: *adarga*, escudo oval, de coiro (*adarga* nada tem que ver com adaga); a gente *generosa*”: como em I.74.6.

88.1

“Qual no corro sanguino ...”: esta estância pertence para a anterior (87), e não para a seguinte (89). É necessário que a pontuação o torne evidente. *Cornígera*: latinismo.
Ort.: *atroce* (lat.) (por *atroz*).

89.3-7

“A *plúmbea péla* mata, o *brado* espanta”: *plúmbea péla*, bala de chumbo; *brado*, estrondo; “Já fuge o escondido ...”: os Mouros escondidos em cilada.
Ort.: *assovia* (por *assobiá*).

91.3

“A pedra, o pau e o *canto* arremessando”: *canto* como sinónimo de *pedra talhada* era usual no tempo. Camões usa-o também na *Lírica*.

OS LUSÍADAS

91.4-8

“Dá-lhe armas o furor desatinado”: em Virgílio, E, I.150: “jamque faces et saxa volant, furor arma ministrat”; “... e *todo* o mais,”: ... e *tudo* o mais; “Passa e corta do mar o estreito braço / Que a Ilha em torno cerca *em pouco espaço*”: em *pouco espaço* pertence para *Passa* e *corta*.

Camões condensa e transforma nestas estâncias a narrativa de Castanheda (I.VII) e de Barros (I.IV.IV).

92.1-6

“Uns vão nas almadias carregadas”: embarcação ligeira, de duas proas, feita, de um tronco de árvore escavado. Movida a remo e por vezes com uma vela em duas hastes, dispostas em forma de V; “Um corta o mar ...”: uns ...; “Quem se afoga ...”: uns ...; “Quem bebe o mar ...”: outros ...; “Os pangaios *sutis* ...”: pequena embarcação de tábuas unidas por cordas. *Sutis*, pequenos e leves.

94.2

“O Regedor daquela *inica* terra”.

Ort.: *inica* (por *iníqua*).

95.1-8

“... que já lhe ...”: a quem já; “... a tento”: acauteladamente; “As velas manda dar ao largo vento”: a edição *princeps* tem “Aas velas manda dar ...” Não é impossível esta construção no tempo.

96.2-3

“As ondas de *Anfítrite* dividia”: *Anfítrite* era a rainha do mar.

Pertence ao grupo das *Nereidas*. Casou com *Neptuno* (*Posídon*); “Das filhas de *Nereu* acompanhada”: as *Nereidas*.

97.5

“Dando razão dos portos ...”: dando notícia ...

98.2

“Com que *Sínon* os *Frígios* enganou”: *Sínon*, o célebre grego de que fala Virgílio, que conseguiu introduzir o cavalo de pau dentro dos muros de Tróia (E, 57-267). Os *Frígios* eram os *Troianos*, pois que Tróia era na Frígia.

OS LUSÍADAS

99.1-6

“O mesmo o falso Mouro determina / Que o seguro Cristão lhe manda e pede”: o mesmo (que o confiado Capitão lhe manda e pede) o falso Mouro determina; “Porque em poder e forças ...”: é pleonasmos; “*Aa Moçambique*, esta ilha ...”: na edição *princeps*.

Ort.: *malina* (por *maligna*).

100.2

“Mas a Deusa em Citere celebrada”: *Vénus* ou *Citereia*. Esta salva a armada dos perigos naturais da entrada de Quíloa (cf. Castanheda, I.VIII).

Ort.: *contrairos* (por *contrários*).

101.7-7

“... cuja gente / Eram Cristãos ...”: concordância do colectivo singular com o verbo no plural.

Ort.: *inica* (por *iniqua*).

102.7-8

“Mas, não querendo a deusa guardadora, / Não entra pela barra, e surge fora”: *Vénus* defendeu os Portugueses em Quíloa e volta a defendê-los em Mombaça (v. Castanheda, I.IX).

105.2

Ort.: *debaixo* (por *debaixo*).

106.2-8

“... a morte apercebida”: aparelhada; “Contra um bicho da terra tão pequeno?”: Camões repete o verso que usou na canção *Junto de um seco, fero e estéril monte ...*

Ort.: *avorrecida* (por *aborrecida*).